

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS-UFGD
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA
CURSO DE CIÊNCIAS ECONOMICAS**

GILBERTO RIBEIRO DAL VESCO

**SETOR MOVELEIRO: UMA ANÁLISE DA INDÚSTRIA NO BRASIL
DE 2007 A 2015**

**DOURADOS/MS
2017**

GILBERTO RIBEIRO DAL VESCO

**SETOR MOVELEIRO: UMA ANÁLISE DA INDÚSTRIA NO BRASIL
DE 2007 A 2015**

Trabalho de Graduação apresentado à Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Professor Me. Enrique Duarte Romero

Dourados/MS

2017

SETOR MOVELEIRO: UMA ANÁLISE DA INDÚSTRIA NO BRASIL DE 2007 A 2015
GILBERTO RIBEIRO DAL VESCO

Esta monografia foi julgada adequada para aprovação na atividade acadêmica específica de Trabalho de Graduação II, que faz parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, pela Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Apresentado à Banca Examinadora integrada pelos professores:

Orientador: Prof. Me. Enrique Duarte Romero

Avaliador: Prof. Dr. Caio Luis Chiarello

Avaliador: Profa. Dra. Roselaine Bonfim de Almeida

RESUMO

O objeto deste trabalho é apresentar e analisar os números do setor moveleiro do Brasil, entre os anos de 2007 e 2015. Para a obtenção dos dados, foram feitas pesquisas em fontes oficiais, instituições de pesquisas e sindicatos, dentre outras. O estudo levantou informações sobre número de empregados, média salarial, faturamento do setor, importações e exportações, demonstrando a importância do setor para a indústria brasileira e o seu potencial de crescimento. As indústrias de móveis do Brasil vêm demonstrando crescimento em todos os aspectos. As empresas estão concentradas principalmente nas regiões Sul e Sudeste, onde também podemos encontrar um maior nível nos dados pesquisados. Tais regiões são responsáveis pela maior parte da produção, pelo número de empregos, empresas e exportações; contudo, o setor apresenta uma forte expansão para as regiões Nordeste e Centro-Oeste, sendo a última a que mais vem crescendo nos últimos anos.

Palavras-Chave: Indústria Moveleira; Móveis; Industrialização.

ABSTRACT

The object of this paper is to present and analyze the numbers of the furniture sector in Brazil between 2007 and 2015. To obtain the data, research was done on official sources, research institutions and trade unions from other sources. The study collected information on the number of employees, average salaries, industry revenues, imports and exports, demonstrating the importance of the sector to Brazilian industry and its growth potential. The furniture industry in Brazil has shown growth in all aspects, companies are mainly concentrated in the South and Southeast, where we can also find a higher level in the researched data, such regions are responsible for most of the production, number jobs, businesses and exports of the sector, however the sector has a strong expansion for the Northeast and Center-West regions, being the last one that has been growing the most in recent years.

Keywords: Furniture Industry; Furniture; Industrialization.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	6
1.1.	JUSTIFICATIVA E PROBLEMA	6
1.2.	OBJETIVOS	7
1.2.1.	OBJETIVO GERAL	7
1.2.2.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
2.	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	8
2.1.	PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL	8
2.2.	INDÚSTRIA MOVELEIRA	11
2.2.1.	INDÚSTRIA MOVELEIRA NO BRASIL	13
2.2.1.1.	CARACTERIZAÇÃO E DADOS PRELIMINARES	14
2.2.1.2.	COMPETITIVIDADE	16
2.2.1.3.	POLOS MOVELEIROS	17
3.	METODOLOGIA	20
3.1.	DELINEAMENTO DA PESQUISA	20
3.2.	FONTE DE DADOS	20
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1.	EMPRESAS E EMPREGOS	21
4.1.1.	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO SETOR	21
4.1.2.	PESSOAL OCUPADO	23
4.1.3.	SALÁRIOS	26
4.1.4.	PRODUÇÃO	27
4.2.	MERCADO EXTERNO	28
4.2.1.	IMPORTAÇÕES	29
4.2.2.	EXPORTAÇÕES	30
4.2.2.1.	PRINCIPAIS ESTADOS EXPORTADORES	32
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1. INTRODUÇÃO

A indústria moveleira mundial tem experimentado muitas transformações na última década, inovações no âmbito do transporte transoceânico e abertura das economias modernas ao comércio e a investimentos de produção, o que resultou na internacionalização da indústria moveleira. Com isso, grandes redes varejistas estão mudando o padrão de competitividade do setor. As exportações brasileiras de móveis são modestas, a produção doméstica é mais competitiva, revelando que o setor é abastecido prioritariamente pela produção interna (GALINARI et al, 2013).

O objetivo deste trabalho é analisar a indústria moveleira no Brasil, buscando compreender sua importância para a economia.

De acordo com o Instituto de Estudos de Marketing Industrial (IEMI), entre 2010 e 2014 a indústria moveleira brasileira apresentou um crescimento de 27,80%. Os principais fatores que influenciaram positivamente o crescimento desse setor na última década do século XX foi a abertura econômica, que trouxe inovações e ampliação do mercado interno, e também a incorporação de consumidores antes excluídos do mercado por conta do problema inflacionário. Para Rosa (2007), outro fator que contribui para a competitividade do setor de forma positiva é o baixo custo da madeira reflorestada. Os produtos brasileiros se mostram pouco competitivos no mercado externo por conta do preço do dólar e da concorrência com os produtos oriundos do exterior. O saldo da balança comercial para o setor caiu de um superávit de 703 milhões de dólares, em 2007, para um déficit de 59 milhões, em 2014 (SECEX).

As unidades industriais que representam 90,00% da produção nacional e empregam mais de 70,00% da mão-de-obra utilizada pelo setor concentram-se nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (ROSA, 2007; ANTONIAZZI *et al*, 2012).

De acordo com Prado (2015), existem, no Brasil, 19,7 mil empresas fabricantes de móveis, sendo 537 delas na região Norte, 2.419 no Nordeste, 7.620 na região Sudeste, 1.484 no Centro-Oeste e 7.693 no Sul do país, ficando principalmente nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que, juntos, detêm mais de 71,00% da indústria moveleira nacional.

1.1. JUSTIFICATIVA E PROBLEMA

A importância do setor moveleiro para a economia brasileira é claramente percebida por meio da sua capacidade de geração de empregos. Entre 2010 e 2014, o número de pessoas

ocupadas pelo setor passou de 293,3 mil para 327,4 mil, um aumento de mais de 11,00%, representando 3,50% do pessoal ocupado na indústria de transformação (IBGE). O setor tem sua presença em praticamente todo o território nacional, principalmente as pequenas e micros empresas, geralmente marcenarias que trabalham de forma customizada. No entanto, a grande maioria das empresas está aglomerada nas regiões Sul e Sudeste, onde se localizam os principais polos produtores do país: Bento Gonçalves (RS), Araçatuba (PR), São Bento do Sul (SC), Linhares (ES), Ubá (MG), Mirassol (SP), Votuporanga (SP) e Região Metropolitana de São Paulo.

Diante do exposto, o presente estudo buscará analisar a indústria brasileira de móveis em termos das seguintes variáveis: empregos, exportações e produção do setor moveleiro. A partir da análise anterior, pretende-se identificar a importância do setor na economia brasileira, e qual a relevância dos polos moveleiros dentro do setor.

Buscando estabelecer uma relação entre o setor moveleiro e a sua importância para economia brasileira e estrutura produtiva nacional, a pergunta de pesquisa que se propõe é: Como evoluiu a participação do setor moveleiro na estrutura produtiva do Brasil entre o período de 2007 e 2015?

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. OBJETIVO GERAL

Analisar a evolução do setor moveleiro no Brasil e sua importância para a economia Nacional.

1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Fazer uma revisão bibliográfica sobre o processo brasileiro de industrialização;
- Discutir o setor moveleiro e sua participação na economia do Brasil;
- Verificar a evolução das variáveis: empresas, emprego, salário, importações, exportações do setor moveleiro, no período entre 2007 e 2015, no Brasil.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A revisão bibliográfica será pautada nos principais conceitos e ideias acerca do processo de industrialização brasileira nos últimos 20 anos, ou seja, a partir dos anos 1995 até 2015, após o plano Real, e sua evolução no decorrer dos anos, elucidando teoricamente os elementos considerados nesse estudo.

2.1. PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

Uma das principais dificuldades para o estudo das origens da indústria no Brasil é a falta de dados referentes aos investimentos na indústria de transformação. Geralmente utilizam-se indicadores baseados na importação de máquinas e equipamentos industriais ou em informações sobre a indústria têxtil, que era o setor mais importante na fase inicial da industrialização (SUZIGAN, 2000).

Pode-se dizer que “O industrialismo desenvolveu-se através da passagem de uma sociedade caracterizada pela produção artesanal e manufaturada para aquela fundamentada na indústria” (ARRUDA, 2009, p. 22). Esse é o ponto alto da evolução econômica, tecnológica e social que se instaurou na Europa desde a Idade Média.

Até 1822, não houve um processo Industrial no Brasil, período em que era colônia de Portugal. Havia, naquela época, um acordo entre Portugal e Inglaterra de proibição do desenvolvimento do processo de Industrialização em Portugal, o que incluía o Brasil. O início da industrialização brasileira se deu principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, graças aos produtores de café que, em meados do século XIX, investiram grande parte de seus lucros em fábricas de tecidos, calçados e outros produtos simples (ARRUDA, 2009).

Quando surgiram os primeiros estabelecimentos fabris no Brasil, a Revolução Industrial na Inglaterra já vinha se desenvolvendo há mais de meio século. O aparecimento de algumas fábricas no interior da sociedade escravista brasileira, na década de 1840, não significava, em absoluto, que esses fatos primeiros estivessem prestes a se generalizar. Quando, do ponto de vista quantitativo, o fenômeno se intensificou um pouco mais após 1888, ainda assim a Indústria brasileira permaneceu extremamente embrionária se comparada com o processo que tivera início, um século antes, nas tecelagens do Lancashire. A diferença entre ambos os processos não reside apenas no aparecimento tardio das fábricas em nosso território. Além de um século de distância separando-os no tempo, há que se considerar ainda inúmeras diferenças qualitativas (FOOT; LEONARDI, 1982, p.23).

Os autores Foot e Leonardi (1982) discorrem sobre os traços específicos da indústria brasileira no período colonial e as primeiras tentativas de industrialização. As atividades desenvolvidas no Brasil colônia, ainda com técnicas bem rudimentares, eram a produção de açúcar e a mineração. Um dos fatores que influenciaram a ascensão da Indústria, em um primeiro momento, foi o êxodo rural, impulsionando diversos camponeses a migrarem aos grandes centros, o que provocou diversas transformações nos sistemas industriais.

A partir da década de 1850, com o aumento nos preços do café e a expansão da exportação de algodão, os investimentos na indústria de transformação começaram a aumentar; porém, a atividade se limitava à produção de panos grossos de algodão, chapéus, calçados e artigos de ferro fundido (SUZIGAN, 2000).

Foi somente a partir de 1870 que as fábricas surgidas no Brasil se tornaram de fato mais consistente, em quantidade e importância. Foi considerado “O primeiro surto de industrialização brasileira”; no entanto, com características ainda bem díspares de países como Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Japão, dentre outros (ARRUDA, 2009; FOOT; LEONARDI, 1982).

A partir da Primeira Guerra Mundial, tem início um processo de diversificação da indústria e também a transição para um sistema econômico dominado pelo capital industrial. O mercado interno e o capital industrial ainda dependiam da economia de exportação. A partir da década de 1930, a dependência em relação ao mercado externo foi reduzindo, mas a formação de capital ainda era dependente da capacidade de importar máquinas e insumos, criada pela economia de exportação. Porém, o investimento não se concentrava mais nos setores complementares da economia de exportação, voltando-se para bens de capital, bens de consumo mais aprimorados e bens intermediários, como cimento, ferro e aço, fertilizantes, papel e celulose, produtos químicos, etc. (SUZIGAN, 2000).

De acordo com Arruda (2009), um fator contribuinte para o crescimento da Indústria Brasileira foram os anos seguintes às duas grandes Guerras. Após a era Vargas, entrou Juscelino Kubitschek (1956-1961), que abriu a economia para o capital internacional, trazendo reordenação do sistema de energia e transportes, bens de produção e o surgimento da indústria automobilística. Foi nessa época, em meados de 60, que o setor industrial superou a média do crescimento dos demais setores da economia.

A industrialização brasileira continuou a crescer, estagnando em algumas épocas e, a partir de 1990, tomou um novo rumo, com a privatização de estatais e a crescente abertura da economia ao capital internacional (ARRUDA, 2009).

De acordo com Coutinho e Sarti (2003), não houve uma política industrial de fato apropriada. No início da década de 1990, era escassa de recursos significativos para promover os objetivos, não era de acordo com a política macroeconômica. A indústria brasileira teve muitos altos e baixos, períodos de forte instabilidade, baixo crescimento, e mudanças estruturais.

Para Arruda (2009), a industrialização brasileira voltou a crescer e, a partir da implantação do plano Real, em 1994, tomou um novo rumo com a estabilização econômica, controle inflacionário, privatização de estatais e a crescente abertura da economia ao capital internacional.

Os impactos iniciais do plano Real foram positivos: a inflação caiu de 1.340,00% em 1994, para 67,00% em 1995; os índices de crescimento da economia obtiveram um aumento considerável, alcançando 6,50% em setembro de 1995. O principal setor a sentir os efeitos positivos da implantação do plano foi a indústria, a taxa de investimento que fora baixa por mais de dez anos chegou a 16,80% do PIB em 1995 (BAER, 2009).

Contrariando essa visão, Cano (2008) considera que a indústria de transformação sofreu sua pior e mais séria adversidade. Com a abertura do mercado e a valorização do câmbio imposta pelo governo, houve um aumento excessivo das importações, devido à baixa competitividade da indústria nacional, que não estava preparada para concorrer com os produtos vindos do exterior.

Baer (2009) pondera que, apesar do espetacular crescimento apresentado no início, a indústria de transformação era o elo mais frágil da economia; isso se explica devido às altas taxas de juros e ao fraco desempenho das exportações. Porém, as elevadas taxas de juros também trouxeram alguns benefícios à indústria, melhorando a formação de capital, reflexo do investimento direto de multinacionais e de grupos que assumiram as empresas estatais no processo de privatização.

A facilidade de acesso a produtos importados, com preços mais baixos e qualidade superior, levou as empresas de capital nacional a enfrentarem uma forte concorrência externa, que resultou na sobrevivência apenas das empresas mais competitivas. A falta de competitividade dos produtos nacionais transferiu a demanda interna para o mercado internacional, resultando no aumento de importações e no desequilíbrio na balança comercial (WEISE, 2000).

A crise de 1999 trouxe como consequência a desvalorização do Real, que, por anos, vinha sendo sobrevalorizado pelo governo como uma das medidas de combate à inflação. O fraco desempenho da moeda perante o Dólar contribuiu para reverter o déficit da balança

comercial. A partir deste cenário, em 2003, iniciou-se a formulação da Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior (PITCE), que visava reestruturar as políticas públicas colocando o desenvolvimento industrial como instrumento fundamental para o desenvolvimento econômico (CANO; SILVA, 2010).

Segundo Cano e Silva (2010), buscando manter o crescimento industrial alcançado com a PITCE, o governo elabora um novo programa de incentivo à indústria com maior abrangência de setores, metas e incentivos à produção industrial. Em 2008, é lançada a Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP), apoiada, dentre outras, por medidas fiscais e tributárias, propondo uma renúncia fiscal de R\$ 21,40 bilhões entre 2008 e 2011.

Apesar das iniciativas para cumprir as metas propostas pelas políticas de incentivo à indústria, a crise internacional que atingiu o mundo entre 2008 e 2009 provocou, na indústria brasileira, vários efeitos negativos como a queda nas exportações e a retirada de investimentos. Aliado a isso, houve um crescimento da concorrência chinesa, que conquistou grande parcela do mercado externo brasileiro. Além do impacto negativo nas exportações, devido ao novo ciclo de valorização do Real, ocorreu um forte crescimento das importações, principalmente oriundas da China, o que prejudicou novamente o setor industrial (CANO; SILVA, 2010).

2.2. INDÚSTRIA MOVELEIRA

Os países desenvolvidos até meados de 1990 eram os principais produtores e consumidores de móveis. Fatores como redução de barreiras ao comércio, investimentos internacionais, inovações do transporte marítimo, tecnologias de informação e comunicação aceleraram e aprofundaram o processo de globalização da indústria moveleira. Com o intuito de se beneficiar de menores custos de mão de obra e insumos, esses países desenvolvidos passaram a instalar plantas produtivas e buscar fornecedores de países em desenvolvimento (GALINARI, et al, 2013).

Visando se beneficiar dos menores custos de mão de obra, insumos e exploração do mercado local, começaram a ser implantados, nos países em desenvolvimento, plantas produtivas e fornecedores. Dessa forma, nos países desenvolvidos, ficaram as competências como a criação e o fortalecimento de marcas, design, e o marketing, enquanto os países em desenvolvimento ficaram com a manufatura (GALINARI, et al, 2013).

Segundo Gorini (2000), os avanços tecnológicos na área de automação e sistemas de gestão empresariais contribuíram para o aumento da produtividade da indústria de móveis, o que possibilitou uma maior variedade de produtos dentro de uma mesma linha de produção, passando para produção em larga escala e deixando de lado o caráter artesanal do setor.

Além dos avanços tecnológicos, o aumento da horizontalização da produção, ou seja, a presença de muitos produtores especializados na produção de componentes para a indústria de móveis, também vem contribuindo para a flexibilização da produção, assim como para a redução dos custos industriais e o aumento da eficiência da cadeia produtiva. Tanto na Europa como nos Estados Unidos verifica-se grande concentração da produção final nas grandes empresas, enquanto que as pequenas e médias especializam-se no fornecimento de partes de móveis ou atuam em determinados segmentos do mercado (GORINI, 2000, p3).

Em paralelo aos avanços tecnológicos e às mudanças na cadeia produtiva, ocorreu um processo de introdução de novas matérias primas. O uso de madeiras nobres passou a ser restrito devido à extinção de alguns espécimes e preocupações ambientais. Com isso, foram introduzidas na produção novas madeiras reflorestáveis, como pinus e eucalipto (GORINI 2000).

Para Gorini (2000), as transformações na forma de produção tiveram grande influência no mercado consumidor. A redução dos custos e a produção em larga escala possibilitaram a massificação do consumo de móveis. Juntamente com as mudanças no estilo de vida da sociedade moderna, a produção passou a ser focada em proporcionar maior funcionalidade e facilidades para o consumidor, seguindo a tendência típica dos Estados Unidos e de alguns países europeus, onde o consumidor final tem facilidade na montagem do produto, eliminando assim a necessidade de um montador profissional e barateando ainda mais o custo do produto.

De acordo com o Prado (2015), a produção mundial de móveis está concentrada principalmente na região da Ásia e do Pacífico, que representam cerca de 56,00% da produção moveleira, devido à indústria chinesa, que, sozinha, representa 43,30% da produção mundial. O restante da produção está dividido em 22,80% para a União Europeia, 12,40% para a América do Norte, 4,10% para a América do Sul, 3,00% para o Leste Europeu e Rússia e 1,70% para o Oriente Médio e a África.

Ainda segundo dados de Prado (2015), vale ressaltar que o consumo de móveis acompanha a produção de cada região; porém, o consumo por habitante é liderado por Suíça, Noruega e Islândia, que têm um consumo per capita de móveis 5,8 vezes maior que a média mundial, seguidos por Canadá, com 3,8 vezes a média, Estados Unidos, com 2,9 e União Europeia, com 2,2. Mesmo sendo o maior produtor e consumidor de móveis do mundo, a China, devido à sua grande população, possui uma média de consumo por habitante de apenas 1,3 vezes a mundial, que é de US\$ 86,20 por habitante.

Para Prado (2015), a União Europeia é de extrema importância para a indústria moveleira mundial. Sendo o segundo bloco produtor e consumidor de móveis do mundo, ela é

responsável por 37,70% das importações realizadas em 2014, o que a coloca como maior importadora, seguida pelos Estados Unidos, com 28,30% e pelo bloco da Ásia e do Pacífico, com 13,30%. A União Europeia também é o maior exportador, contando com 41,70% de todas as exportações.

2.2.1. INDÚSTRIA MOVELEIRA NO BRASIL

Segundo Kroth et al (2007), a partir dos anos 80, a indústria brasileira de móveis passou por uma grande transformação, principalmente, devido à abertura comercial que gerou um impacto positivo no setor, possibilitando acesso ao mercado externo consumidor e obtenção de novas tecnologias. Outros pontos citados pelo autor são o aumento do mercado interno motivado pela estabilidade econômica advinda do plano Real e o surgimento de novas matérias primas, como madeira reflorestada e o Médium Density Fiberboard (MDF).

De acordo com Coelho e Berger (2004), entre 1990 e 2001, houve um crescimento significativo nas exportações brasileiras, passando de US\$ 40 milhões para US\$ 501 milhões; porém, os autores não atribuem esse crescimento a um esforço exportador da indústria, mas sim à desvalorização cambial. Tal movimento obrigou as empresas exportadoras a aumentarem a produtividade para manter a lucratividade.

Um dos principais facilitadores da redução de custos e do aumento de produtividade foi a utilização intensa de madeira reflorestada e do MDF, que contribuiu para a intensificação da produção seriada. Apesar das transformações no setor, não houve uma mudança no perfil do setor que ainda é verticalizado, com uso intensivo de mão de obra e pouco valor agregado ao produto (KROTH et al, 2007).

Para Kroth et al (2007), a baixa utilização de tecnologia pelo setor moveleiro no Brasil se deve ao baixo volume de crédito para compra de máquinas novas e ao fato de a tecnologia de produção não ser um diferencial para a indústria moveleira, concentrando-se, assim, a maior parte dos investimentos em design, marketing e estratégias de mercado.

Segundo Gorini (1998), o mercado consumidor é elástico e varia positivamente de acordo com a renda. É muito sensível ao comportamento da economia, principalmente no desempenho da construção civil e fortemente influenciado pelas mudanças no padrão de vida da sociedade.

As mudanças no estilo de vida da sociedade levaram ao desenvolvimento de produtos de fácil montagem e desmontagem, ao aumento na variedade de modelos, à menor durabilidade dos produtos e ao crescimento da rede distribuidora, através de grandes redes de varejo que

possibilitam a venda do produto por todo o país. Isso tudo contribuiu fortemente para a baixa dos custos de produção (COELHO; BERGER, 2004).

2.2.1.1. CARACTERIZAÇÃO E DADOS PRELIMINARES

De acordo com Galinari *et al* (2013), a fabricação de móveis, em especial os de madeira, pode ser considerada uma das mais tradicionais atividades da indústria de transformação e detém características como a elevada utilização de insumos de origem natural, baixo dinamismo tecnológico, informalidade e emprego intensivo de mão-de-obra.

Algumas particularidades do setor redundam no estabelecimento de baixas barreiras à entrada: os investimentos iniciais em ativos físicos para certos tipos de produção não são demasiado vultosos, a maior parte das inovações tecnológicas do setor é gerada por fornecedores de insumos e de bens capital, as condições de apropriabilidade de uma das principais fontes de diferenciação de produtos, o design, são extremamente baixas. Além disso, a existência de etapas do processo produtivo cuja automação é difícil, como montagem e estofamento, não favorecem o surgimento de empresas grandes o suficiente para ter alto poder de mercado (GALINARI, *et al*, 2013, p. 229).

A indústria de móveis apresenta posição geograficamente dispersa, tendo inicialmente, na década de 1950, os primeiros polos localizados na cidade de São Paulo e em municípios vizinhos; posteriormente, foram surgindo novos polos, principalmente no Rio Grande do Sul, nos anos 1960, e em Santa Catarina, na década de 1970. (SOUZA, 2009).

De acordo com Gorini (2000), o setor é caracterizado por alta utilização de mão de obra e baixo valor adicional (por unidade de mão de obra) em relação a outros setores da indústria. A demanda do setor moveleiro varia de acordo com o nível de renda da população e com a situação dos demais setores da economia que tendem a impactar diretamente a demanda, como por exemplo, a construção civil.

Segundo Rosa, *et al* (2007), a baixa densidade tecnológica acarreta problemas à estrutura produtiva e à importância do *design* para a competitividade. De acordo com Galinari *et al* (2013), nos segmentos mais populares, a competitividade está pautada basicamente nos preços, enquanto nos superiores, está pautada no *design* e na marca.

Para Santi (2000), a produção varia entre artesanal e industrial em todas as regiões do Brasil. Assim, é possível encontrar uma pequena quantidade de empresas com acesso às novas tecnologias, que permitiriam o aumento da capacidade de produção e elevariam a produtividade.

De acordo com Azevedo (2003), as micros e pequenas empresas concentram-se na produção de móveis sob medida e têm como característica principal a informalidade, enquanto as médias e grandes empresas são geralmente voltadas para a fabricação de móveis em série e, em menor quantidade, dedicadas à exportação.

Como em todo o mundo, a indústria brasileira apresenta alto grau de fragmentação e caracteriza-se principalmente pelo elevado número de empresas de pequeno porte (micros e pequenas), familiares, tradicionais e de capital majoritariamente nacional, com grande absorção de mão-de-obra [...] as empresas mais modernas, em geral ligadas ao comércio internacional são poucas, em meio a um universo muito grande de empresas desatualizadas tecnologicamente e com baixa produtividade (SOUZA, 2009, p. 53).

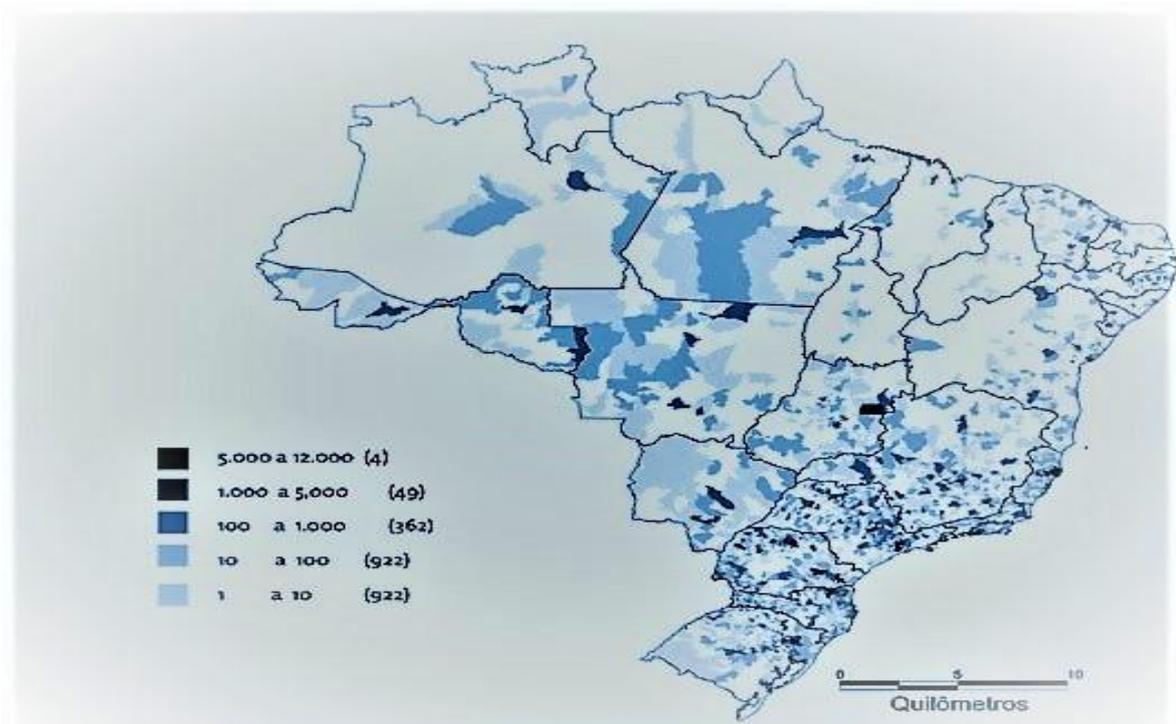


Figura 1 – Distribuição do emprego formal da indústria de móveis entre os municípios brasileiros em 2011

Fonte: GALINARI, ET AL, 2013, P. 233.

Entre os estados produtores de móveis, destacam-se: São Paulo, com predominância de móveis de escritório, e Rio Grande do Sul, predominantemente no mercado doméstico (SOUZA, 2009).

Os principais produtores nacionais de móveis concentram-se na região centro-sul do Brasil, constituindo muitas vezes polos moveleiros. Destacam-se: Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, São Bento do Sul, em Santa Catarina, Araçatuba, no Paraná, Mirassol, Votuporanga e São Paulo, em São Paulo, Linhares, no Espírito Santo e Ubá, em Minas Gerais.

Entre eles, São Paulo se destaca na produção de móveis de escritório e Rio Grande do Sul predominantemente no mercado doméstico (SOUZA, 2009).

Caracteriza-se pela reunião de diversos processos de produção, envolvendo diferentes matérias-primas e uma diversidade de produtos finais que pode ser segmentada, principalmente, em função dos materiais com que os móveis são confeccionados, como a madeira, o metal e outros; assim como, de acordo com os usos a que são destinados em especial, móveis para residência e para escritório. Devido a aspectos técnicos e mercadológicos, as empresas, em geral, são especializadas em um ou dois tipos de móveis, como por exemplo, de cozinha e banheiro, estofados, entre outros (SOUZA, 2009, p. 45).

2.2.1.2. COMPETITIVIDADE

Galinari et al (2013) define competitividade através de duas abordagens: a primeira, através do conceito de desempenho e a segunda, pelo conceito de eficiência. Em relação a desempenho, a competitividade está ligada à participação de uma empresa ou setor em um determinado mercado-alvo (*market share*), ou seja, na capacidade de implementar estratégias que lhe permitam manter ou ampliar de forma duradoura sua posição no mercado. Já pelo conceito da eficiência, o princípio é a capacidade da empresa, país ou setor de produzir em níveis de produtividade e qualidade equiparada ou superior à de seus principais concorrentes.

Apesar de o Brasil não ser um grande *player* exportador no mercado mundial, o país é o principal produtor, exportador e consumidor da América do Sul, responsável por 82,80% da produção, 77,10% do consumo e 67,00% das exportações da região. Os principais destinos das exportações brasileiras, nos últimos três anos, foram Argentina, Estados Unidos e Reino Unido, que, juntos, representam mais de 40,00% de toda a exportação de móveis do Brasil. As empresas exportadoras estão concentradas na região Sul e corresponderam a mais de 70,00% do valor exportado pelo país em 2014 (PRADO, 2015).

De acordo com Galinari *et al* (2013), a participação do Brasil no mercado internacional teve um período de crescimento a taxas superiores às das exportações mundiais entre 2001 e 2004, saltando de U\$ 16,40 milhões para U\$ 42,00 milhões. A partir daí, o país vem diminuindo constantemente sua participação no mercado externo. Mesmo tendo crescido em valores, a representatividade das exportações brasileiras, em comparação com o mercado mundial, é muito pequena, ocupando a 29ª posição em 2009, tendo apenas 0,74% das exportações mundiais.

Apesar do declínio das exportações brasileiras nos últimos anos, a indústria de móveis brasileira é bastante sólida no mercado interno, com participação de 96,40% em 2013, sendo destinados apenas 3,60% para exportação e com 3,30% de importações para atender à demanda interna do país (IEMI).

2.2.1.3. POLOS MOVELEIROS

A escolha da localização de implantação de uma planta produtiva, é baseada na escolha dentre um número de alternativas possíveis que demonstre ser economicamente mais vantajosa para os objetivos da indústria. A busca pela maximização dos lucros em essência baseia a escolha da localização, tendo como parâmetros os fatores que afetam direta ou indiretamente os custos ou a lucratividade da empresa (Kon, 1999).

Segundo Kon (1999), o processo de industrialização envolve macro e microlocalização industrial, que dependem de expectativas futuras levando em consideração a dinâmica das transformações que ocorrem na região, motivadas pela atividade industrial.

As indústrias privadas buscarão uma localização visando à rentabilidade do capital investido. Nesse sentido, a macrolocalização define a região de implantação da planta produtiva levando em consideração os aspectos econômicos e produtivos do local tais como: facilidade de acesso aos insumos, proximidade com os mercados, custos de transporte e mão de obra. Como fatores técnicos, levam-se em consideração condições climáticas, facilidade de acesso e comunicação entre as outras regiões (Kon, 1999).

Para Kon (1999), a microlocalização definirá a escolha da localização da indústria dentro da região, escolha através dos conceitos da macrolocalização. Tendo em vista buscar menores custos para a indústria, levam-se em consideração condições do relevo, vias de acesso e comunicação, capacidade da infraestrutura, serviços públicos, dentre outros.

A teoria dos polos de crescimento apresenta a ideia de que a vida econômica depende da ação específica das empresas que exercem um papel dominante. Assim, o crescimento não é uma progressão linear, mas sim um processo vivo e se propaga pelo desequilíbrio e impacto de ação privilegiada de certos agentes (SOUZA, 2009).

O processo de polarização industrial está baseado no surgimento de grandes indústrias caracterizadas por forte concentração de capital, mecanização e decomposição técnica de tarefas. Essas indústrias são denominadas indústrias motrizes. Através da grande capacidade de produção e demanda por insumos e serviço, têm a capacidade de acarretar o aumento de produção de várias outras indústrias menores, no intuito de suprir a demanda da motriz (Kon, 1999).

O processo de crescimento é um conjunto de transformações em um determinado período. A instalação de uma nova atividade depende da relação entre as necessidades da organização e os recursos disponíveis na região. O crescimento econômico decorre do aumento da renda *per capita* enquanto o desenvolvimento econômico refere-se à distribuição do mesmo (ANTONIAZZI, *et al*, 2012).

O crescimento econômico leva em conta a concentração das atividades econômicas em função de localização da mão-de-obra e dos consumidores. Em “A Riqueza das Nações”, Adam Smith (1723-1790) vê o fator espaço como a extensão dos mercados, pois proporciona divisão do trabalho, aumenta a produtividade e a riqueza nacional (SOUZA, 2009).

A indústria motriz e as indústrias menores que surgem para suprir sua necessidade formam um complexo industrial que coexiste em uma concentração industrial. Esta concentração de pequenas indústrias que facilitam o acesso a insumos e serviços acaba por atrair para a mesma região outras grandes indústrias, formando os polos industriais (Kon, 1999).

A indústria de móveis apresenta posição geograficamente dispersa, tendo, inicialmente, na década de 1950, os primeiros polos localizados na cidade de São Paulo e em municípios vizinhos. Posteriormente, foram surgindo novos polos principalmente no Rio Grande do Sul nos anos 1960 e em Santa Catarina na década de 1970. Os principais polos moveleiros do Brasil estão localizados em sua maioria nas regiões sul e sudeste, assim como a maioria das empresas do setor de acordo com a distribuição espacial da produção moveleira no país (SOUZA, 2009).

Polo	UF	Produção Estadual
Bento Gonçalves	RS	90,50%
Lagoa Vermelha	RS	4,00%
São Bento do Sul	SC	22,90%
Chapecó	SC	8,20%
Arapongas	PR	65,40%
Curitiba	PR	26,00%
Interior de São Paulo	SP	39,50%
Grande São Paulo	SP	28,00%
Ubá	MG	45,20%
Grande BH	MG	11,60%
Carmo do Cajuru	MG	5,80%
Grande RJ	RJ	8,50%
Linhares	ES	83,50%
Recife	PE	63,00%
Fortaleza	CE	51,00%
Marco	CE	15,40%
Iguatu	CE	13,90%

Quadro 1: Polos e suas unidades federativas

Fonte: (IEMI, 2015) - Elaboração própria (2016).

Em 2015, os polos estão distribuídos nos estados de Rio Grande do Sul, onde Bento Gonçalves detém 90,50% da produção do estado, contando com 1.062 empresas, Santa Catarina, que tem como principal polo São Bento do Sul, com 22,90% da produção e 270 empresas, Paraná, onde o mais importante polo é Arapongas, responsável 65,40% da produção, com 689 empresas, São Paulo, o polo do interior de São Paulo responsável por 39,50% da produção possui 472 empresas, Minas Gerais, tendo Ubá como polo mais importante, com 45,20% da produção estadual e 299 empresas, Rio de Janeiro, com seu único polo representando apenas 8,50% da produção, Espírito Santo, também com um único polo em Linhares, responsável por 83,50% de sua produção, Pernambuco, com o polo de Recife, que detém 63,00% da produção e Ceará, que tem como polo mais importante Fortaleza, com 51,00% da produção estadual.

3. METODOLOGIA

Para atender aos objetivos da pesquisa, será realizada uma pesquisa exploratória. Já em relação aos procedimentos técnicos para a realização de tal projeto, será utilizado um levantamento bibliográfico, com o emprego de livros, artigos de periódicos, dados econômicos e materiais disponibilizados pela internet. Dessa forma, será realizada uma análise interpretativa das informações e dos dados estatísticos obtidos, bem como da revisão bibliográfica levantada no decorrer da pesquisa.

3.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA

O trabalho divide-se em introdução, que busca explicar brevemente sobre o assunto, justificativa, que destaca o problema, objetivos e metodologia utilizada para elaborar o trabalho. Serão elaborados cinco tópicos; os três primeiros de revisão bibliográfica, o quarto, de discussão dos resultados obtidos e o último de conclusão.

O primeiro tópico visa realizar uma introdução ao tema, apresentando a justificativa que levou à escolha do tema. No segundo tópico, foi feita a revisão bibliográfica, com os principais conceitos e ideias acerca da evolução do setor moveleiro e do processo de industrialização brasileiro. No quarto tópico, será discutida uma pesquisa com dados secundários sobre a evolução da indústria de móveis entre 2007 e 2015, com ênfase na verificação da importância do setor. Por fim, será realizado um tópico de conclusão, no qual serão discutidos e apresentados os principais resultados do trabalho.

3.2. FONTE DE DADOS

Foram utilizados, no estudo, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Associação da Indústria de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (MOVERGS), Instituto de Estudos de Marketing Industrial (IEMI), Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário (ABIMÓVEL), Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (Alice Web), Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de São Bento do Sul.

Através dessas fontes, foram levantadas e analisadas informações sobre a geração de empregos, salário e representatividade do setor na indústria nacional.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, serão apresentadas a estrutura e as características produtivas do setor moveleiro demonstrando a representatividade e evolução do setor no período entre 2007 e 2015.

4.1. EMPRESAS E EMPREGOS

Serão apresentados, neste tópico, dados referentes às empresas ativas no dia 31 de Dezembro de cada ano do período estudado. Segundo o Cadastro Central de Empresas – (CEMPRE) a indústria moveleira no Brasil representa 0,51% do total de empresas e outras organizações em atividade no país no ano de 2015. As estatísticas do CEMPRE também revelam que o pessoal ocupado neste setor é de 297.767 no universo de 53.541.695 pessoas ocupadas no Brasil no mesmo período.

4.1.1. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO SETOR

Entre 2007 e 2015, houve um aumento de 13,48% no número de empresas fabricantes de móveis em atividade no país, tendo maior crescimento nas regiões Centro-Oeste e Nordeste, com 48,22% e 24,51% respectivamente, sofrendo uma retração apenas na região Norte, onde passou de 795 empresas em 31/12/2007 para 721 na mesma data, em 2015.

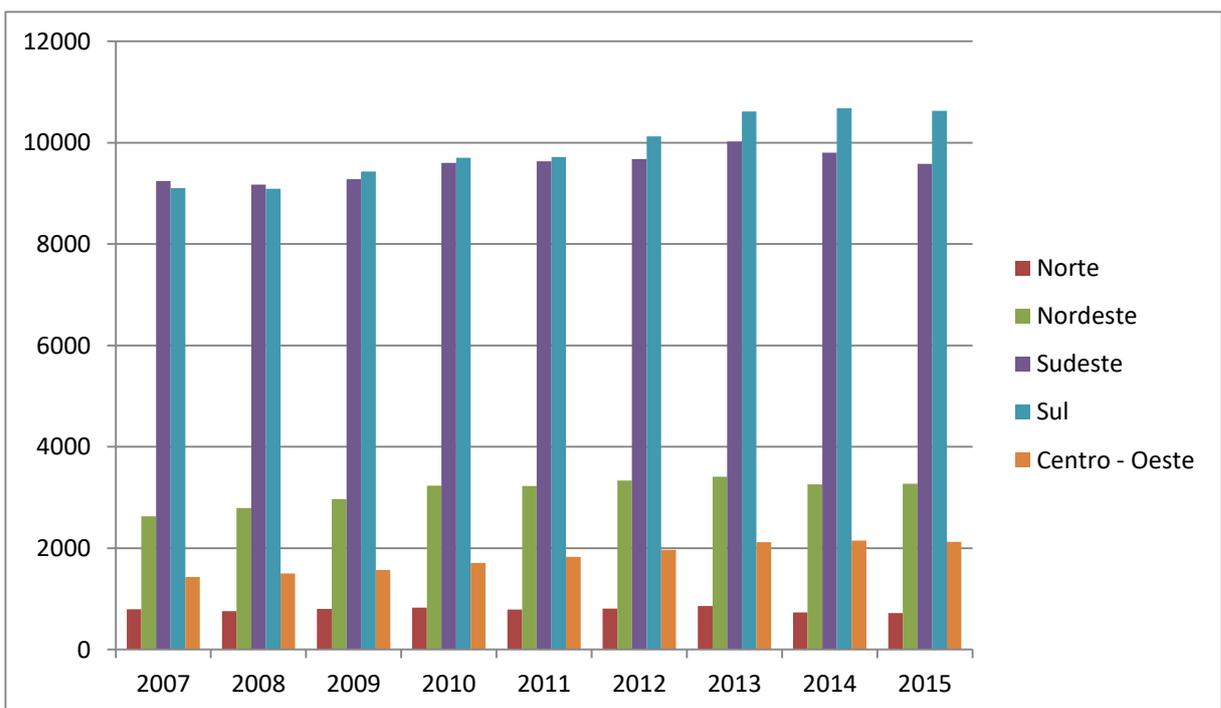


Figura 2 - Participação das empresas moveleiras no Brasil de 2007 e 2015

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cadastro Central de Empresas - IBGE (2017).

As regiões Sul e Sudeste destacam-se por serem as regiões com a maior concentração de empresas, sendo a região Sul a que teve maior crescimento entre elas, superando a quantidade de empresas da região Sudeste a partir do ano de 2009. Já a região Sul acumulou, no período 2007 a 2015, crescimento de 16,75%.

Tabela 1 - Participação do número de empresas por região de 2007 a 2015(em %)

Região	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Norte	3,43%	3,25%	3,33%	3,30%	3,13%	3,12%	3,18%	2,76%	2,74%
Nordeste	11,32%	11,98%	12,35%	12,90%	12,81%	12,87%	12,61%	12,24%	12,42%
Sudeste	39,84%	39,33%	38,59%	38,29%	38,25%	37,34%	37,09%	36,81%	36,40%
Sul	39,22%	38,99%	39,21%	38,69%	38,56%	39,08%	39,27%	40,12%	40,36%
Centro - Oeste	6,18%	6,44%	6,52%	6,82%	7,26%	7,59%	7,84%	8,07%	8,08%

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cadastro Central de Empresas – IBGE (2017).

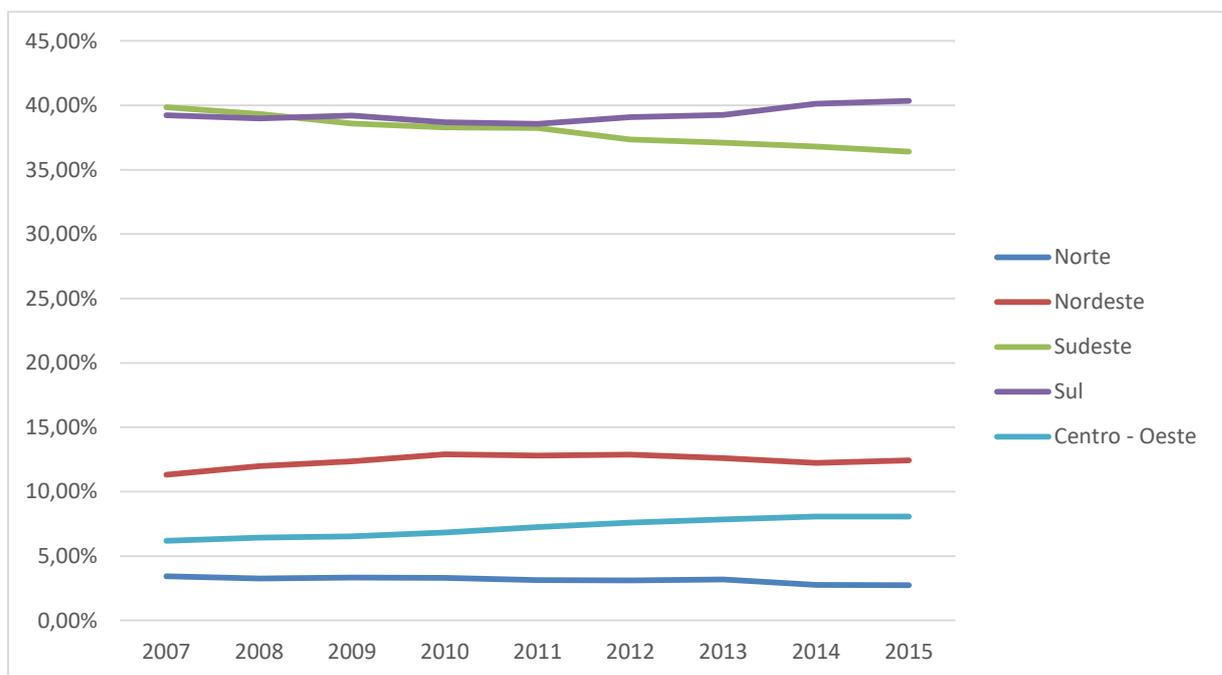


Figura 3 - Participação das empresas moveleiras no Brasil em (%) de 2007 a 2015

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cadastro Central de Empresas - IBGE (2017).

Observa-se que as regiões Sul e Sudeste se consolidam como os maiores polos da indústria moveleira do Brasil, tendo, juntas, 76,76% das empresas. Apesar da hegemonia da região Sudeste no início da série, sua participação vem caindo gradativamente com o passar dos anos, acumulando uma queda de 8,63%, juntamente com a região Norte, que, no mesmo período, teve perda de 20,08%.

Na contramão da tendência de queda da participação do Norte e Sudeste, as regiões Nordeste e Centro-Oeste tiveram um crescimento significativo de 9,73% e 30,62% respectivamente, enquanto a região Sul do país mantém um crescimento modesto de 2,89%.

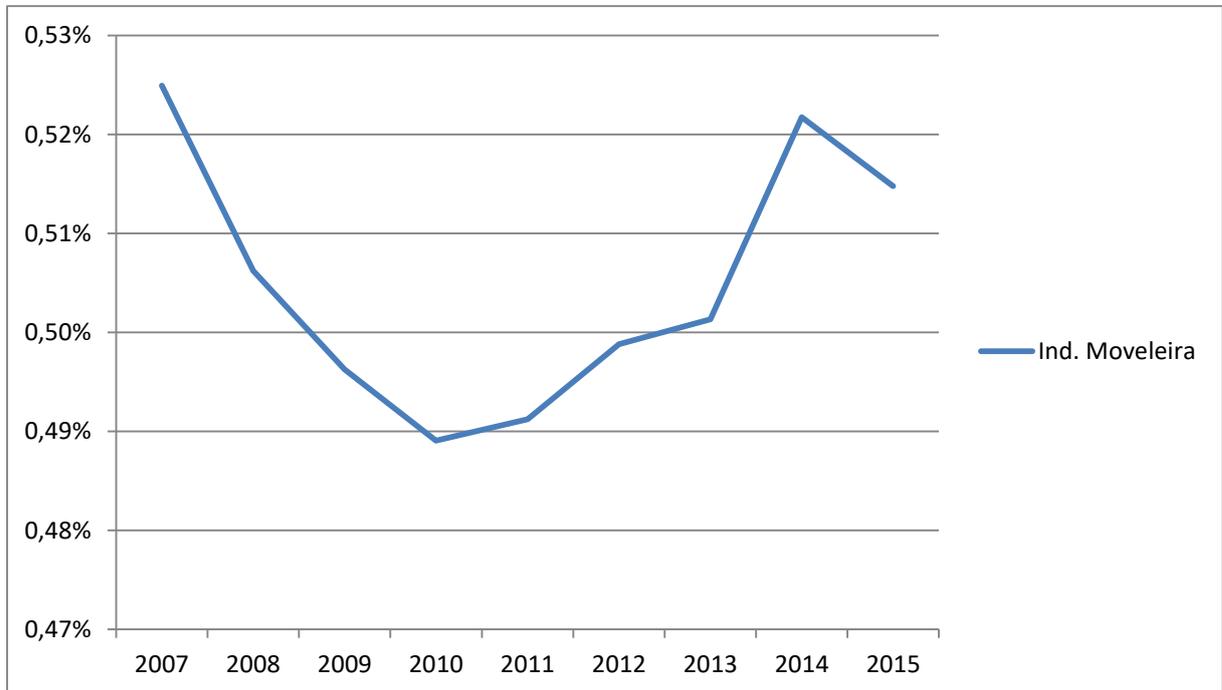


Figura 4 - Participação das empresas moveleiras no Brasil em (%) de 2007 a 2015

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cadastro Central de Empresas - IBGE (2017).

As empresas do setor moveleiro do Brasil representam 0,51% do total de 5.114.983 empresas em atividade em 31/12/2015. Houve, durante a série, um aumento de 13,48% no número de empresas fabricantes de móveis, indo de 23.205, em 2007, para 26.332, em 2015. No mesmo período, no Brasil, o número de empresas teve um crescimento de 15,71%.

4.1.2. PESSOAL OCUPADO

Segundo o IEMI (2015), a indústria do setor moveleiro gerou, em 2014, o equivalente a 3,50% dos postos de trabalho, diretos ou indiretos, na produção industrial. Representa 0,56% do total de pessoal ocupado no país em 2015, sendo destes 87,13% assalariados. As regiões Sul e Sudeste representam 40,49% e 41,65% respectivamente, concentrando, assim, a maior parcela do pessoal ocupado no setor.

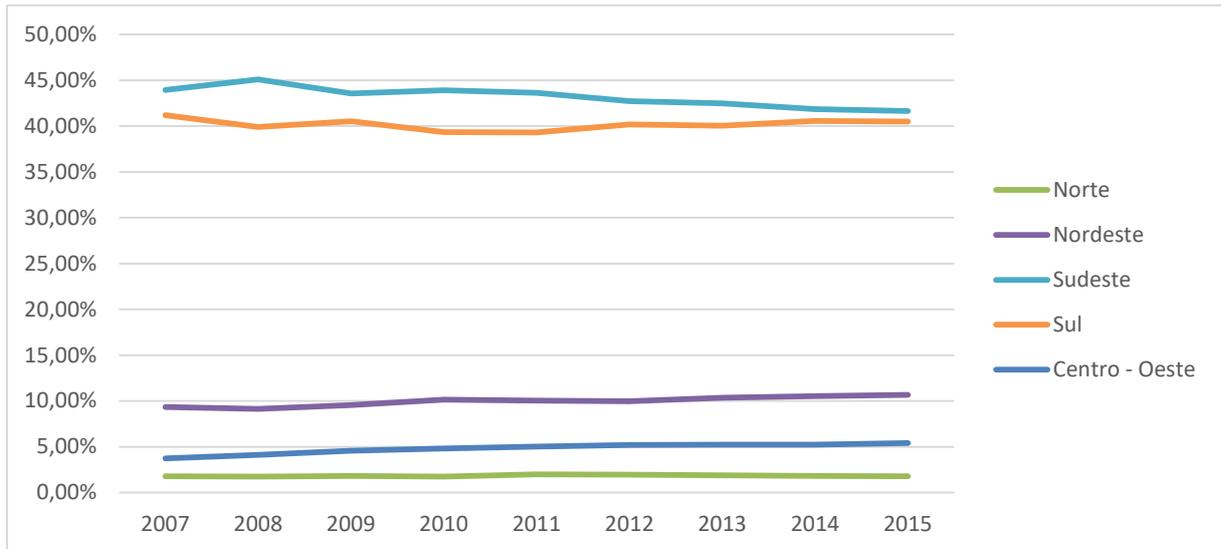


Figura 5 - Pessoal ocupado na indústria moveleira do Brasil em (%) de 2007 a 2015

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cadastro Central de Empresas - IBGE (2017).

Durante a série estudada, a região Centro-Oeste foi a que obteve o maior aumento de pessoal ocupado no setor moveleiro do país, saltando de 10.026, em 2007, para 16.095, em 2015, acumulando 60,53% de crescimento. A região também se destaca quando analisamos o pessoal ocupado não assalariado, que, no mesmo período, teve ganho de 43,61%, ficando, assim, acima do crescimento nacional do setor.

No mesmo período, houve aumento do pessoal ocupado assalariado em todo o país, saindo de 233.943, em 2007, para 259.440, em 2015, um aumento de 10,90% do pessoal assalariado, com crescimento mais expressivo nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, respectivamente.

A região Centro-Oeste demonstra um forte crescimento do pessoal assalariado do setor, passando de 8.045, em 2007, para 13.250 assalariados, em 2015, uma variação de 64,70%, bem acima dos 10,90% de toda a indústria de móveis no mesmo período. As regiões Norte e Nordeste também tiveram desempenho superior ao do setor, acumulando 17,89% e 26,73% respectivamente, enquanto Sul e Sudeste tiveram os menores desempenhos, acumulando, na série, altas de 8,25% e 5,61% respectivamente.

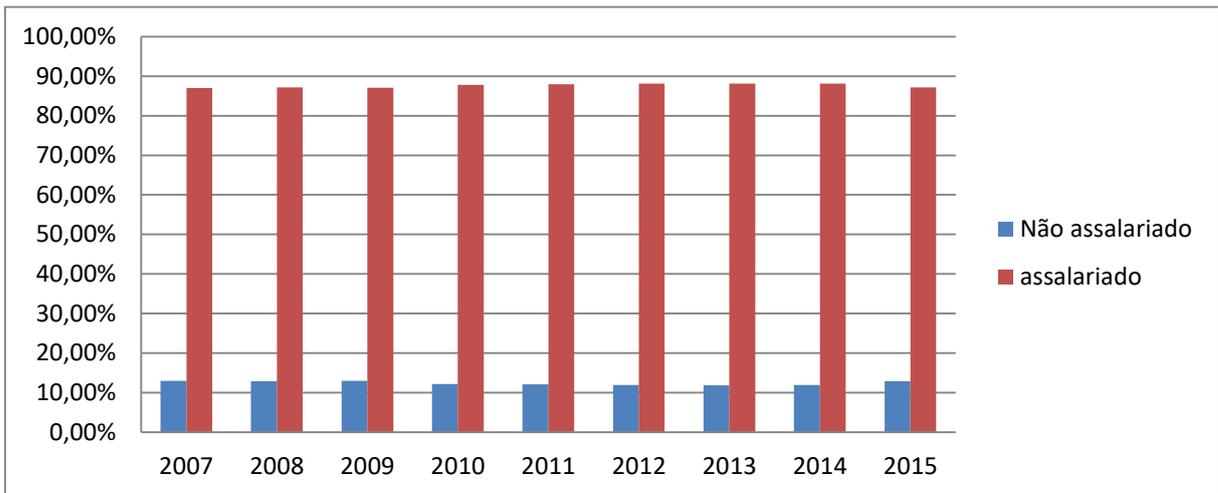


Figura 6 - Pessoal assalariado e não assalariado da indústria moveleira do Brasil de 2007 a 2015.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cadastro Central de Empresas - IBGE (2017).

Considera-se pessoal ocupado não assalariado da indústria de móveis aqueles que são sócios ou proprietários das empresas, no período, houve aumento de 31,01% e 13,85% nas regiões Centro-Oeste e Nordeste respectivamente, acompanhando o crescimento no número de empresas do setor nessas regiões, ficando a região Sul com ganho de 2,94%, em quanto o Norte e Sudeste tiveram quedas de 8,55% e 21,27% respectivamente.

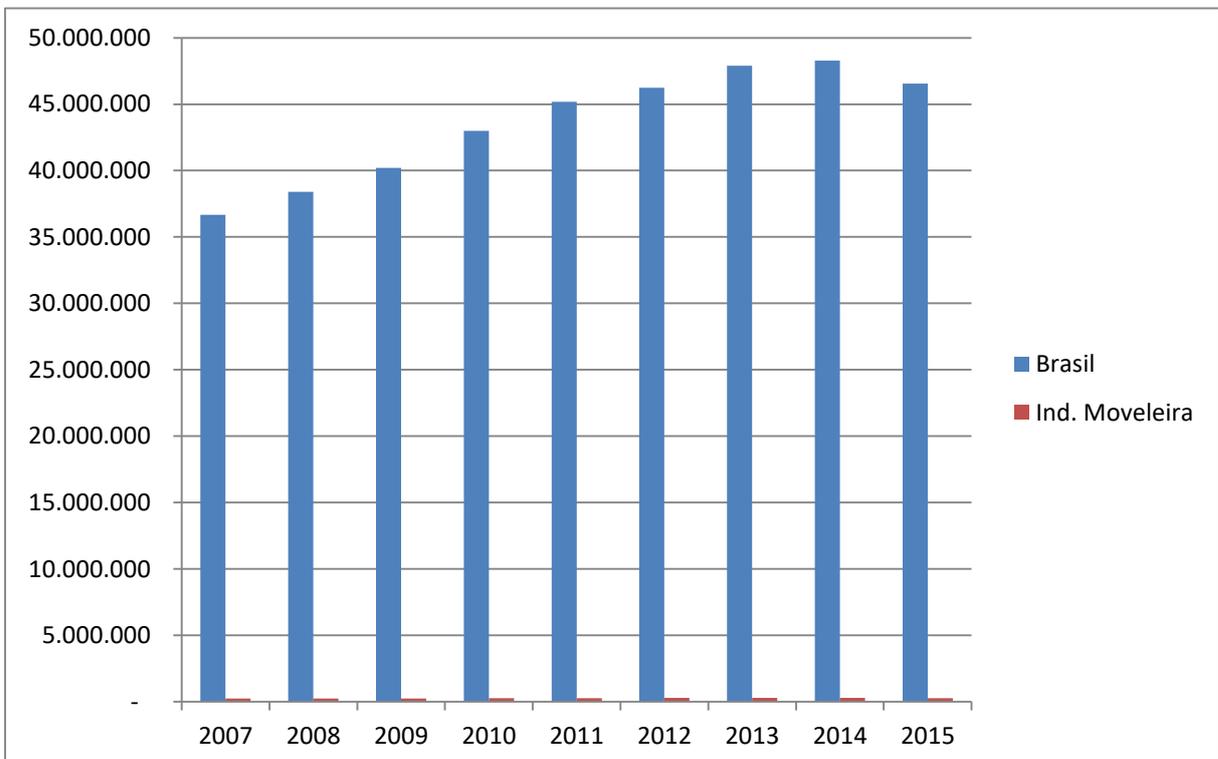


Figura 7 - Pessoal ocupado na indústria moveleira do Brasil de 2007 a 2015

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cadastro Central de Empresas - IBGE (2017).

A indústria moveleira representava, em 2007, 0,64% do pessoal ocupado na economia brasileira. Apesar do crescimento 25.497, que representa um aumento 10,90% de ocupação, o setor representa apenas 0,56% de todo o pessoal ocupado no país, em 2015.

Segundo IEMI (2014), o pessoal ocupado do setor opera à razão de 9,0 horas por dia, sendo que 85,80% das empresas do setor, em um único turno, 11,30% apresentam rotina de trabalho em 2 turnos e apenas 2,90% operam em 3 turnos.

4.1.3. SALÁRIOS

A média nacional salarial mensal do setor foi de 1,86 salários mínimos, entre 2007 e 2015, sendo as regiões Sul e Sudeste as únicas com média acima da nacional, 2,10 e 2,13 respectivamente, e a região Nordeste com a menor dentre as cinco regiões, 1,57 salários mínimos.

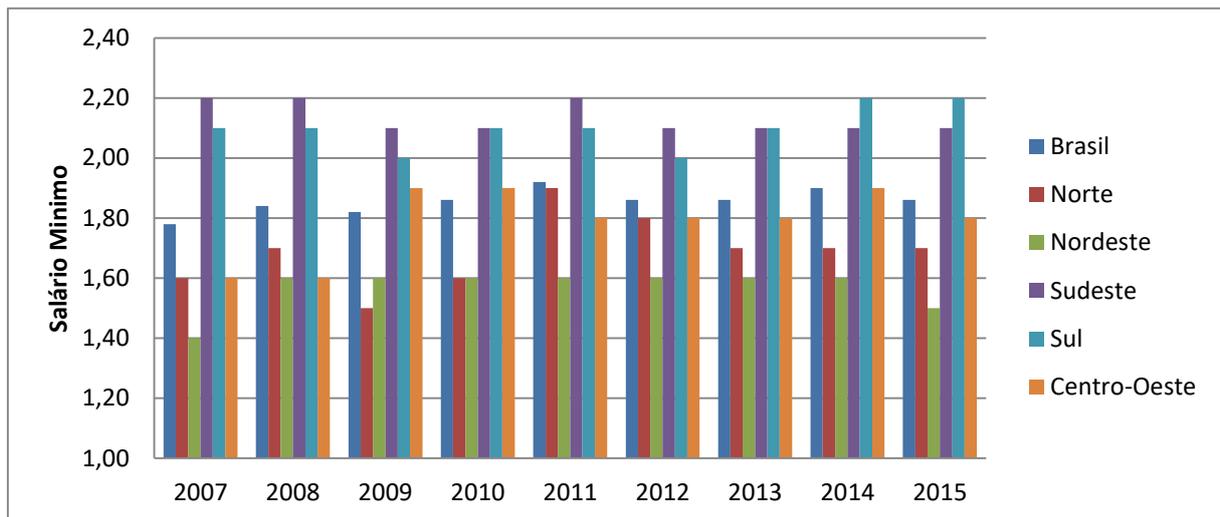


Figura 8 - Média salarial da indústria moveleira (salários mínimos) de 2007 a 2015

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cadastro Central de Empresas - IBGE (2017).

As regiões Centro-Oeste e Nordeste obtiveram o melhor desempenho na série, com ganhos de 12,50% e 7,14% na média salarial respectivamente, seguidas pelas regiões Norte, com 6,25%, e Sul, com 4,76%, sendo o Sudeste a única região a apresentar queda salarial ao final da série, passando de 2,20 para 2,13 salários mínimos, o que representa uma queda de 4,55% ao longo do período.

Pode-se observar também que, durante o período, a média nacional teve crescimento de 4,49% partindo de 1,78 salários mínimos em 2007 para 1,86 em 2015, sendo que apenas as regiões Sul e Sudeste mantiveram, durante todo o período, uma média salarial superior à nacional.

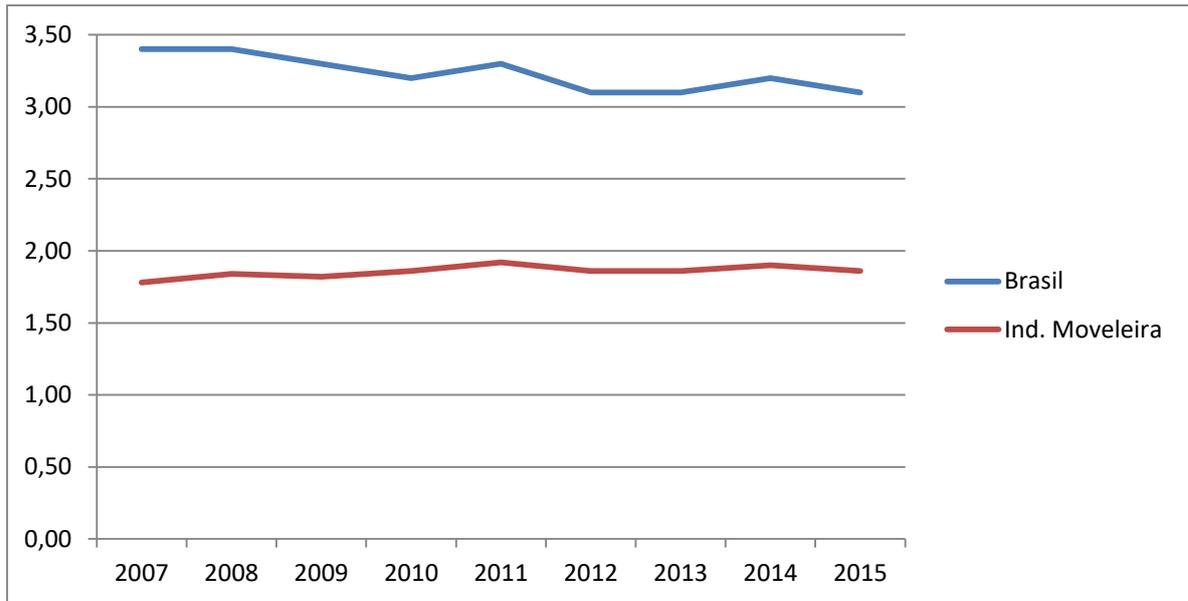


Figura 9 - Média salarial Brasil x indústria moveleira (salários mínimos) de 2007 a 2015
 Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Cadastro Central de Empresas - IBGE (2017).

Entre 2007 e 2015, houve no Brasil uma redução da média salarial, de 8,82%, indo de 3,40 salários mínimos em 2007 para 3,10 em 2015. No mesmo período, na contramão da economia brasileira, a média dos salários da indústria moveleira nacional cresceu 4,49%, indo de 1,78 em 2007 para 1,86 salários mínimos em 2015.

4.1.4. PRODUÇÃO

A indústria brasileira movimentou cerca de R\$ 44,9 bilhões em 2014, um crescimento de 99,63% se comparado com os R\$ 22,5 bilhões do ano de 2007. Ao longo dos 8 anos da série, o setor teve crescimento médio de 9,03% ao ano.

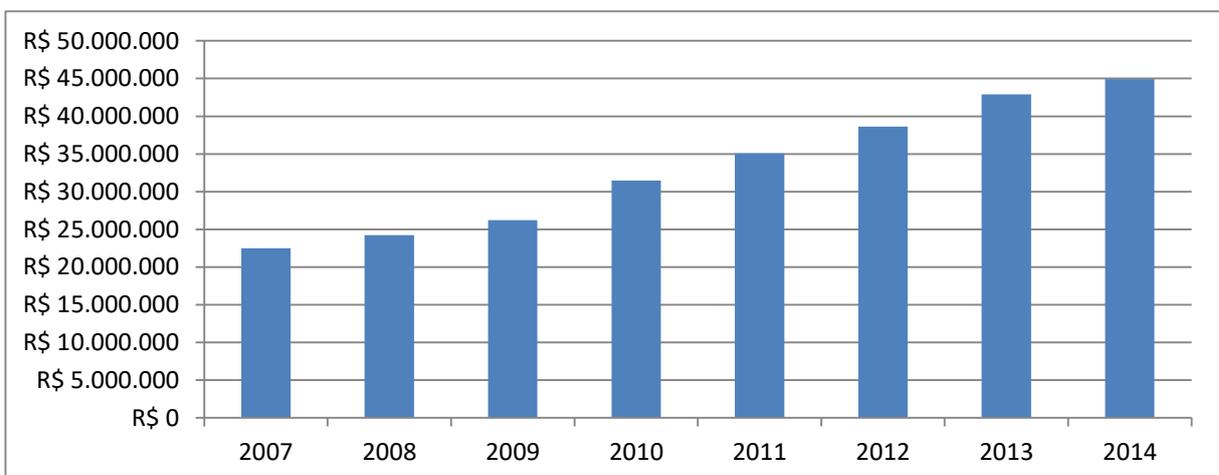


Figura 10 – Faturamento do setor moveleiro em (R\$) de 2007 a 2015

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Relatório Setorial da Indústria de Móveis no Brasil – IEMI (2017).

A indústria moveleira representava, em 2014, segundo o IEMI (2015), 2,00% do valor total da receita líquida da indústria de transformação brasileira, demonstrando sua grande relevância econômica para o país.

Os móveis residenciais representaram 83,55% da produção moveleira e foram os maiores responsáveis pelo crescimento do setor, enquanto os móveis para escritório tiveram representatividade de 16,45% da produção nacional de móveis em 2014.

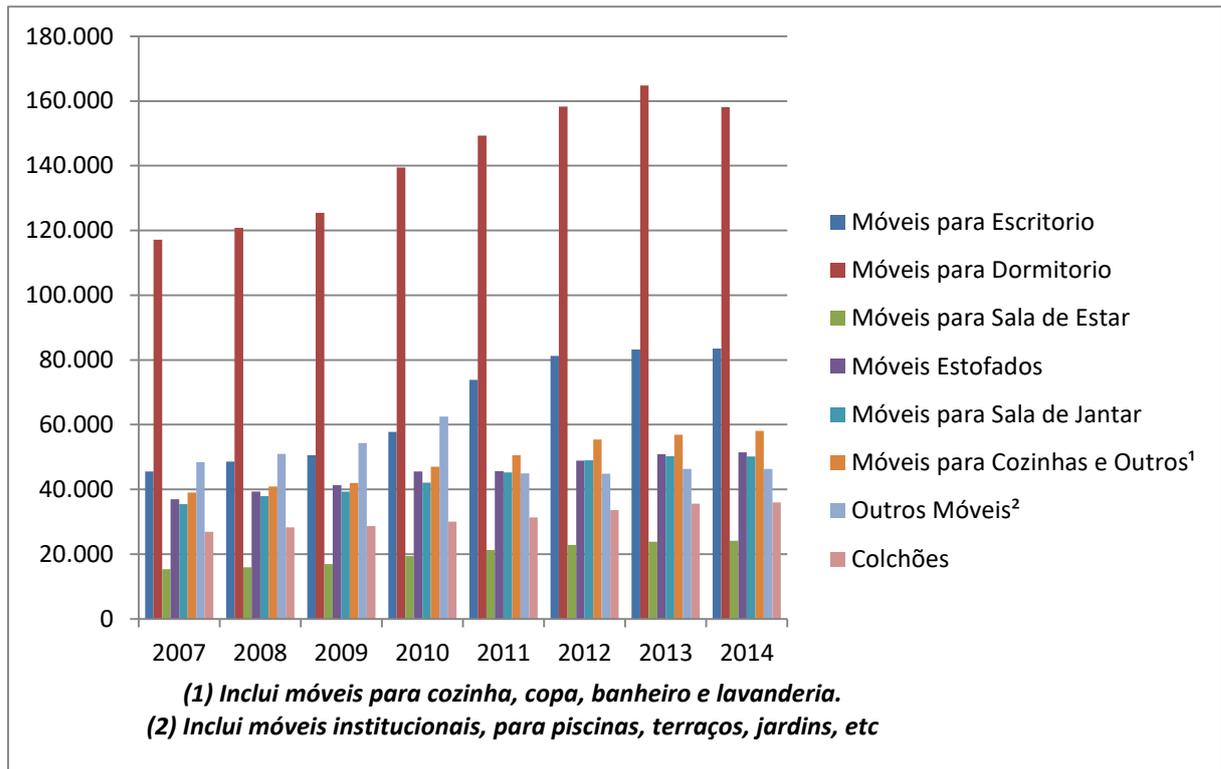


Figura 11 – Produção do setor moveleiro por linha de montagem de 2007 a 2015

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Relatório Setorial da Indústria de Móveis no Brasil – IEMI (2017).

A indústria brasileira obteve 39,14% de aumento na produção de móveis, entre 2007 e 2014, sendo a linha de móveis para escritório a que obteve um maior crescimento, com 83,23% de ganho e a de móveis para jardins, piscinas e etc. a única com perda de 4,33% no mesmo período.

4.2. MERCADO EXTERNO

De acordo com o IEMI (2015), o Brasil detém 3,40% da produção mundial de móveis; porém, praticamente toda a produção é consumida no mercado interno, sendo apenas 0,40% desta produção destinada à exportação e 0,50% do consumo suprido por importações.

4.2.1. IMPORTAÇÕES

A maior parte das importações de móveis para o mercado brasileiro até 2008 era proveniente dos Estados Unidos da América, com 38,69% de participação. A partir de 2009, as importações brasileiras foram lideradas pela China, que alcançou 34,60% e manteve uma forte tendência de alta chegando a dominar 42,39% das importações no país. Tal movimento pode ser explicado pela crise econômica que atingiu os Estados Unidos e o mundo em 2008 e com o enorme crescimento da concorrência chinesa no mercado mundial, que acabou por ocupar espaço no comércio internacional em diversos setores.

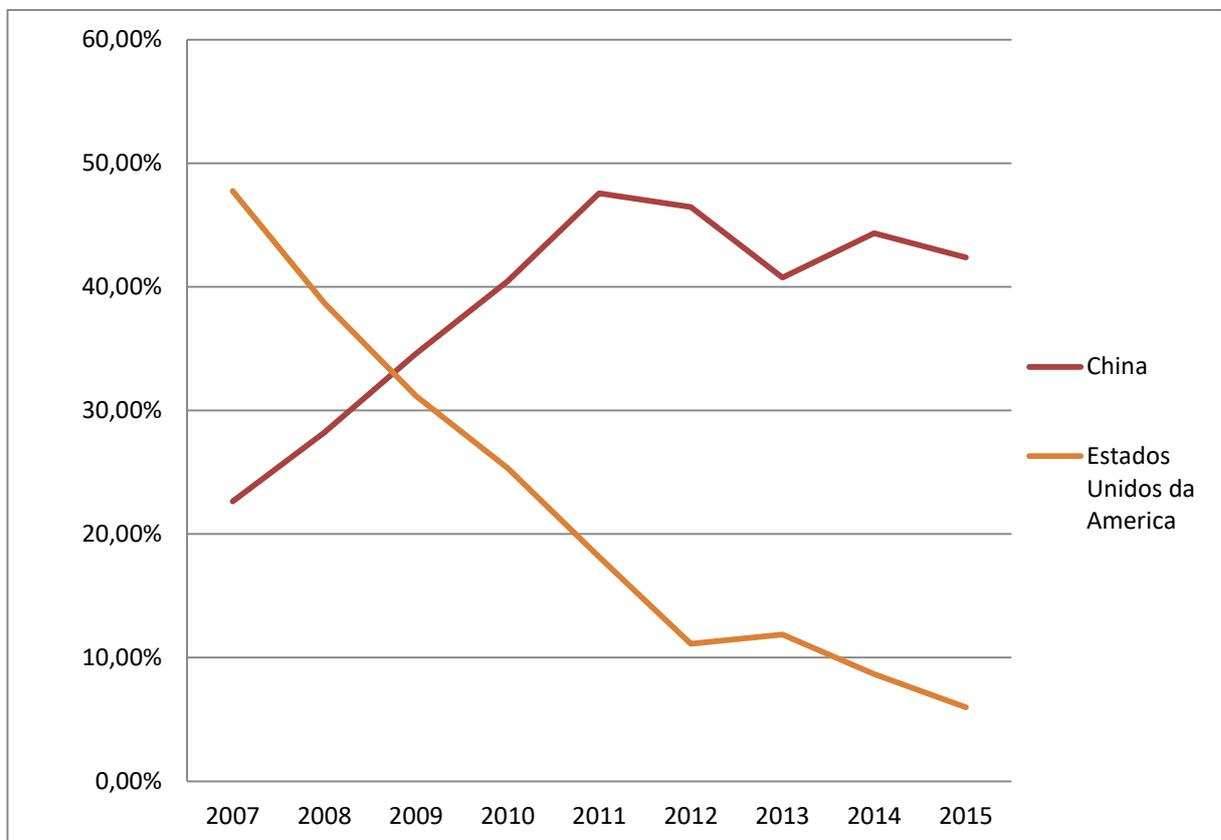


Figura 12 – Participação no valor das importações do Brasil de 2007 a 2015 (%)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do ALICEWEB (2017).

Outros países têm aumentado sua participação nas importações brasileiras de móveis, sendo os com melhor desempenho Itália, Taiwan e Alemanha, todos com mais de 450% de crescimento entre 2007 e 2015. No mesmo período, o Uruguai teve suas exportações para o Brasil reduzidas de R\$ 724 milhões em 2007 para R\$ 115 milhões em 2015, uma queda de 84,12% em 9 anos.

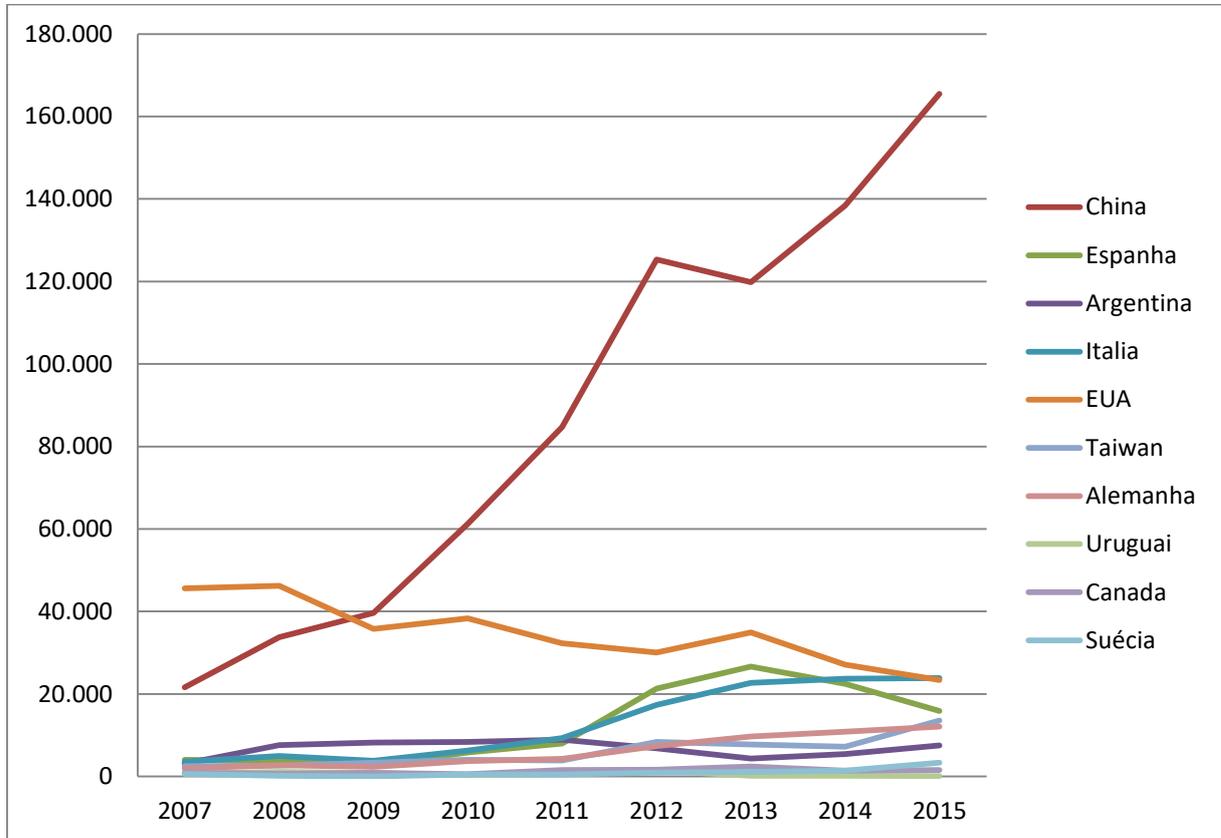


Figura 13 – Importações brasileiras de 2007 a 2015 (em R\$1.000,00)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do ALICEWEB (2017).

Em geral, durante a série estudada, as importações de móveis para o Brasil tiveram um crescimento significativo de 309,10%, partindo de R\$ 95,441 milhões em 2007 para R\$ 390,449 milhões em 2015. Muito desse aumento pode ser atribuído às importações de produtos da China, principalmente móveis de metal, móveis para jardim, pequenos móveis de decoração e parte de móveis, a China exporta para o Brasil mais que a soma dos outros nove maiores exportadores.

4.2.2. EXPORTAÇÕES

A exportação brasileira de móveis, entre 2007 e 2011, sofreu uma retração de 42,55% e começou a se recuperar em 2012, obtendo uma alta acumulada de 51,35% até 2015, quando alcançou níveis próximos aos que tinha em 2007.

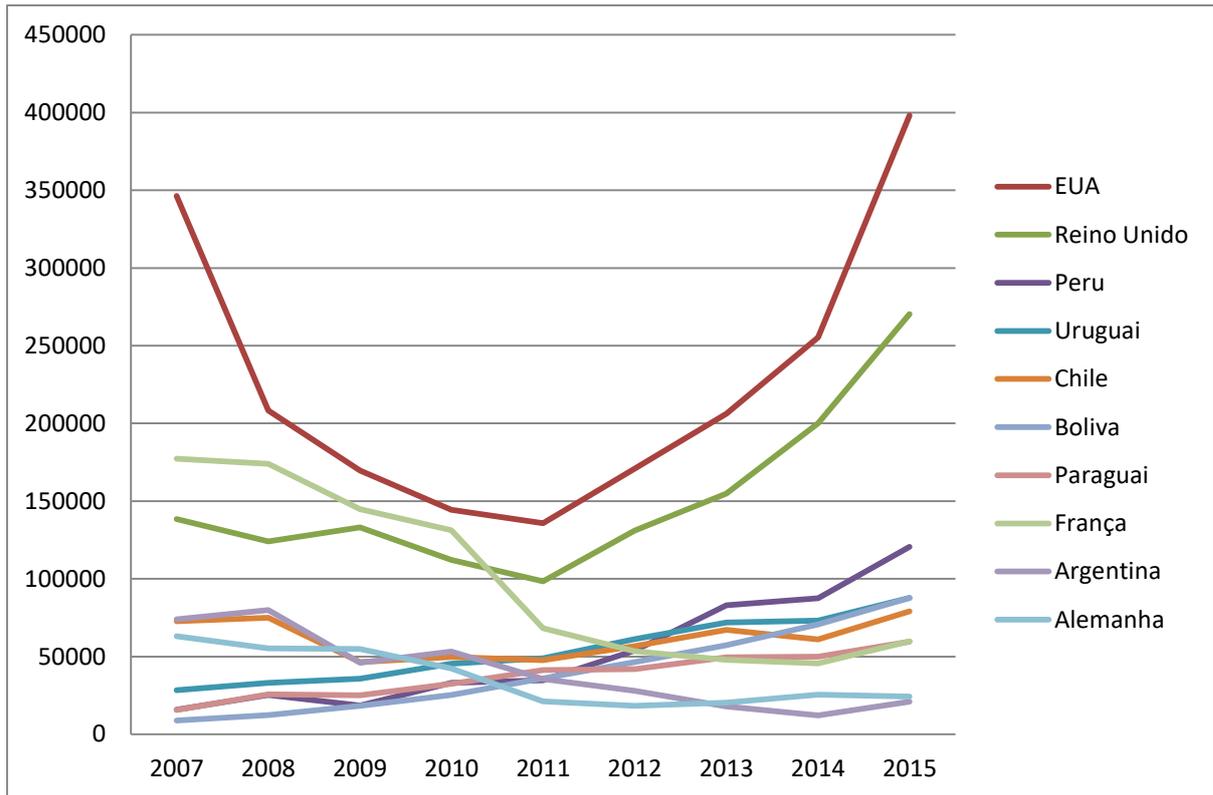


Figura 13 – Exportações brasileiras de 2007 a 2015 (em R\$1.000,00)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do ALICEWEB (2017).

Os principais importadores de móveis brasileiros são os Estados Unidos da América e o Reino Unido, com 26,26% e 17,82%, respectivamente. Em 2015, as exportações para o Reino Unido cresceram R\$ 138,465 milhões em 2007 para R\$ 270,238 milhões em 2015, uma alta de 94,84%.

Entre os anos de 2007 e 2011 as exportações de móveis do Brasil tiveram uma forte queda, causada principalmente pela crise econômica internacional, que fez com que o consumo caísse de maneira expressiva e também a forte concorrência com o mercado chinês. A partir de 2011 com a desvalorização do Real em relação ao Dólar e com o início da recuperação econômica principalmente nos Estados Unidos e a mudança no perfil dos importadores, que passaram a comprar produtos de maior valor, os móveis brasileiros tiveram uma retomada de crescimento chegando a níveis inclusive superiores ao início da série.

Outro mercado em que os móveis brasileiros obtiveram uma forte expansão foram Peru, Bolívia, Paraguai e Uruguai, onde alcançou, durante a série, altas de 658,81%, 887,90%, 281,10% e 209,67%.

4.2.2.1. PRINCIPAIS ESTADOS EXPORTADORES

Os principais estados brasileiros exportadores de móveis ficam localizados nas regiões Sul e Sudeste, sendo os mais relevantes Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, que, juntos, representam 90,40% das exportações em 2015.

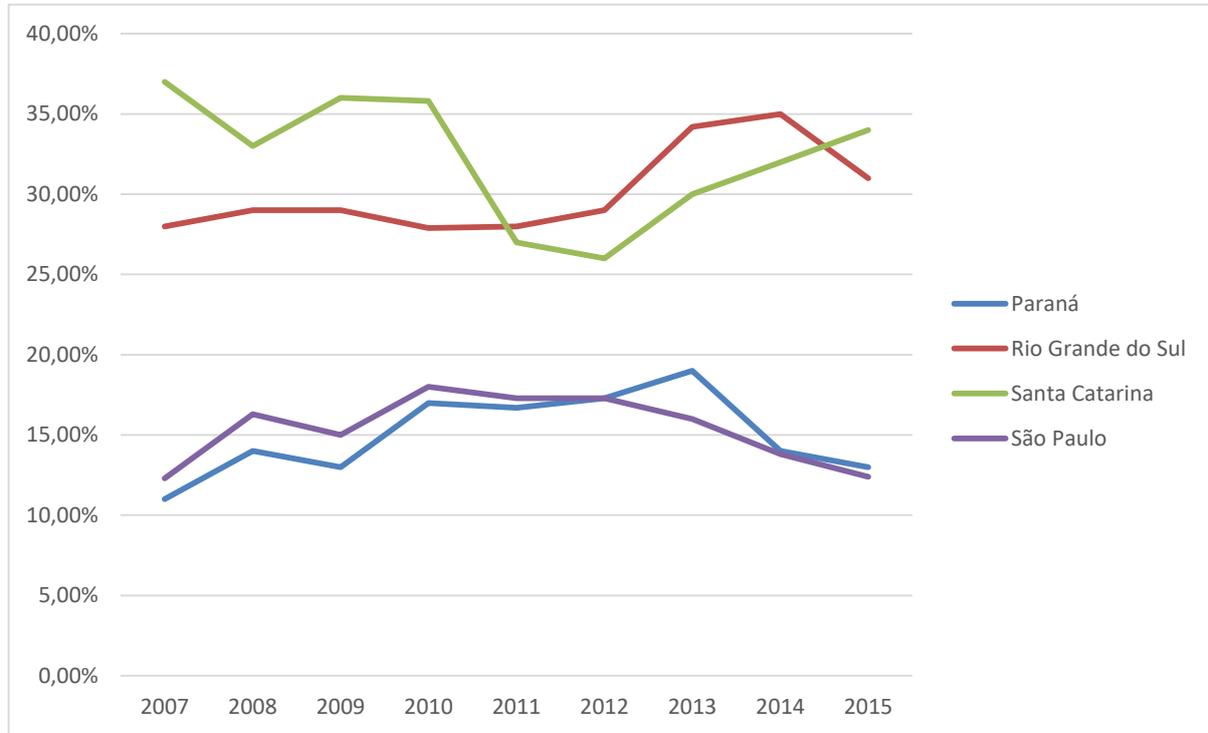


Figura 7 – Participação no valor das importações do Brasil, de 2007 a 2015 (%)

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do Relatório Setorial da Indústria de Móveis no Brasil – IEMI (2017).

Santa Catarina e Rio Grande do Sul são os maiores estados exportadores de móveis do país, com o Rio Grande do Sul assumindo a liderança das exportações em 2011, depois de uma forte queda nas exportações de Santa Catarina, que só conseguiu recuperar sua liderança em 2014. Juntos, os dois estados representam 65,00% de todos os móveis exportados no país em 2015.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo avaliar o desempenho do setor moveleiro do Brasil, buscando evidenciar seu desenvolvimento ao longo do tempo, mostrando fatores importantes para o setor, como empregos, número de empresas, produção e outros.

O setor concentra-se fortemente nas regiões Sul e Sudeste do país. É nessas regiões que se encontra o maior número de empresas, empregos e melhores salários. É na região sul onde se concentram os principais polos produtores e exportadores do setor Santa Catarina e Rio Grande do Sul. As indústrias moveleiras são em sua maioria micro e pequenas empresas, geralmente familiares e de capital nacional.

O estudo também nos mostra que, no período analisado, houve um crescimento da indústria moveleira como um todo, com aumento no número de empresas, pessoal ocupado, faturamento e salários, principalmente nas regiões Nordeste e Centro-Oeste, onde se obtiveram as maiores taxas de evolução do setor, principalmente na região Centro-Oeste, cujos dados demonstram um expressivo crescimento da indústria.

O faturamento das indústrias de móveis do Brasil praticamente dobrou entre 2007 e 2014, o que demonstra a força de crescimento do setor que, mesmo em momento de dificuldade econômica mundial, conseguiu obter crescimento expressivo.

O setor mostra, ainda, ter grande importância econômica e forte impacto social, sendo principalmente voltado a atender o mercado interno e com grande capacidade de geração de empregos diretos e indiretos.

Apesar de pouco expressivo no mercado internacional, o setor moveleiro nacional tem posição de destaque na América do Sul, sendo o principal consumidor e produtor de móveis, com grande crescimento nas exportações para seus países vizinhos. Muito dessa falta de representatividade da indústria moveleira do Brasil no mercado internacional se dá pelo fato da produção ser altamente customizada, sendo poucas as empresas brasileiras que utilizam o método de produção onde o produto entregue é padronizado e de fácil montagem para o consumidor final.

Em síntese, de acordo com o que foi estudado, o setor moveleiro do Brasil tem forte importância para a economia do país, sendo principalmente voltado a atender à demanda

interna. Apesar de estar basicamente concentrado em apenas quatro estados, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o setor demonstra ter grande capacidade de geração de emprego e desenvolvimento na indústria das outras regiões.

A indústria de móveis nacional tem potencial para se projetar a uma posição de mais destaque no mercado internacional, mas carece de incentivos e, principalmente, de organização entre os empresários, pois, como mostram os estudos, nas regiões onde há maior nível de organização das indústrias do setor, estão os principais exportadores do país.

O setor moveleiro depende de uma extensa cadeia produtiva, que se inicia na extração de matérias-primas, como madeiras e metais, para fabricação de móveis, até a industrialização de insumos para indústria moveleira. Tal cadeia produtiva não foi abordada por este trabalho e seria de grande valia que outros estudos viessem a dar foco a esse tema, visando demonstrar com mais clareza o potencial econômico do setor.

Durante o estudo foi constatada a dificuldade de levantamento de informações referentes ao setor, principalmente no que se refere aos estados brasileiros, exceto na região Sul, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde se pode observar uma maior organização das empresas. Nesse sentido, novos estudos devem surgir buscando entender as dificuldades encontradas pelos empresários das outras regiões ao se organizarem como entidades representativas do setor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONIAZZI, Elisiane AP.; EBERHARDT, Paulo Henrique de Cezaro; GOES, Thiago Henrique Moreira. **Análise da capacidade de geração de emprego da produção moveleira na microrregião de Umuarama-PR.** In: I Seminário de Desenvolvimento Regional, Estado e Sociedade (SEDRES). 2012, Rio de Janeiro, Anais. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/sedres/article/viewFile/3971/3879>> Acesso em: 15 de junho de 2016.
- ARRUDA, Glória Lúcia Rodriguez Correia de. **O Design na indústria moveleira brasileira e seus aspectos sustentáveis: estudo de caso no polo moveleiro de Arapongas-PR.** Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2009.
- ASSOCIAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE MÓVEIS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (MOVERGS). **Panorama do Setor Moveleiro no RS e Brasil.** 2012. Disponível em: <http://www.movergs.com.br/views/imagem_pdf.php?pasta=panorama_setor_moveleiro>. Acesso em: 24 nov. 2014.
- AZEVEDO, Alessandra Bandeira Antunes de. **As implicações da difusão de normas técnicas para o aperfeiçoamento tecnológico da indústria moveleira.** Dissertação (Mestrado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- BAER, Werner. **A Economia brasileira.** São Paulo, Editora Nobel, 2009.
- BRANDÃO, Angela. **Anotações para uma história do mobiliário brasileiro do século XVIII.** Revista CPC, n. 9, p. 42-64, São Paulo, 2010.
- CANO, Wilson. **Desconcentração produtiva regional o Brasil: 1970 – 2005.** São Paulo, Editora UNESP, 2008.
- CANO, Wilson; SILVA, Ana Lucia Gonçalves da. **Política industrial do governo Lula.** Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n. 181, 2010. Disponível em: <http://horia.com.br/sites/default/files/documentos/texto181_politica_industrial.pdf>. Acesso em 14 set. 2016.
- COELHO, Maritzel Rios Fuentes; BERGER, Ricardo. Competitividade das exportações brasileiras de móveis no mercado internacional: uma análise segundo a visão de desempenho. **Revista FAE**, Curitiba, v. 7. n.1, p. 51-65, 2004.

COUTINHO, Luciano; SARTI, Fernando. A política industrial e a retomada do desenvolvimento. In: LAPLANE, Mariano; COUTINHO, Luciano; HIRATUKA, Célio (Org.). **INTERNACIONALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA NO BRASIL**. Campinas: Editora UNESP, 2003. p. 333-346.

FOOT, Francisco; LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**: das origens aos anos vinte. São Paulo, Global, 1982.

GALINARI, Rangel; TEIXEIRA JUNIOR; Job Rodrigues; MORGADO, Ricardo Rodrigues. **A competitividade da indústria de móveis do Brasil**: situação atual e perspectivas. BNDES Setorial, 2013. Disponível em: <<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/2469>> 2013. Acesso em: 01 de nov. 2014.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. **A Indústria de móveis no Brasil**. Curitiba: Alternativa Editorial, 2000.

GORINI, Ana Paula Fontenelle. **Panorama do setor moveleiro no Brasil, com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos de madeira**. 2008. Disponível em:<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set801.pdf>Acesso em: 08 ago. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

KON, Anita. **Economia industrial**. São Paulo, Editora Nobel, 1999.

KROTH, Christiano Darlan; LOPES, Ricardo Luiz; Parré, José Luiz. A indústria moveleira da Região Sul do Brasil e seus impactos na economia regional: uma análise em Matriz de Insumo-Produto Multirregional. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 497-524, out. 2007.

PRADO, Marcelo Villin. Instituto de Estudos de Marketing Industrial (IEMI). **Brasil Móveis 2015**: Relatório Setorial da Indústria de Móveis do Brasil. São Paulo: Free Press Editorial, 2015.

SISCOMEX. Sistema Integrado de Comercio Exterior. Disponível em: <<http://www.portal.siscomex.gov.br/>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

ROSA, Sergio Eduardo Silveira da, et al. **O setor de móveis na atualidade: uma análise preliminar**. [Online]. Disponível em: (<https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/2469>) 2007. Acesso em: 01 de nov. 2014.

SILVA, Euciane Maria da; SANTOS, Fernando Cesar Almada. Análise do alinhamento da estratégia de produção com a estratégia competitiva na Indústria Moveleira. **Revista Produção**, São Paulo, v.15, n.2, p. 286-299, Maio/Ago. 2005.

SOUZA, Luciana Silva de. **A indústria moveleira de Boa Vista: ESTRUTURA E POTENCIALIDADES**. 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18849/000729363.pdf?sequence=1>> Acesso em: 24 nov. 2014.

SANTI, Maria Angélica. **Contribuições aos estudos sobre as origens da produção seriada do mobiliário no Brasil, a experiência Móveis Cimo S/A**. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria brasileira: Origem e desenvolvimento**. São Paulo, Editora da Unicamp, 2000.

Weise, Marcia Regina. O comportamento da indústria de bens de capital após o plano Real. **Revista FAE**, Curitiba, v. 3. n.3, p. 31-38, 2000.